

DA CABEÇA AOS PÉS

A UNÇÃO DE JESUS EM BETÂNIA, EM MC 14,3-9 E NOS
TEXTOS AFINS NA TRADIÇÃO EVANGÉLICA

Cláudio V. Malzoni OP

Ao iniciar seu relato da paixão, Marcos narra uma unção de Jesus em Betânia, no decorrer de uma ceia, em casa de um certo Simão, o leproso. Jesus é ungido por uma mulher que, então, é criticada, por alguns dos presentes, pelo que fizera. Jesus toma a defesa dela, interpretando este gesto em vista de seu sepultamento, e, assim, introduzindo o tema de sua morte iminente.

Marcos não é o único evangelista a narrar a unção de Jesus em Betânia. Este relato tem seus paralelos em Mateus e João. E também, em Lucas, há um texto que narra uma unção de Jesus. Ao longo da história da leitura e interpretação dos evangelhos, a diversidade destes relatos nem sempre foi vista da mesma maneira.

Teofilacto, por exemplo, explica que se trata de três mulheres diferentes, portanto, de três unções diferentes: uma, aquela da qual nos fala João, a irmã de Lázaro; outra, aquela de Lucas, uma meretriz que veio a Jesus no tempo de sua atividade como pregador; outra ainda aquela de Mateus e Marcos, que veio a Jesus no tempo de sua paixão e a respeito da qual não se diz que fosse uma pecadora.¹ Semelhante é a posição de Orígenes, que vê igualmente três unções distintas.² Já para Agostinho trata-se igualmente de três unções, mas de apenas duas mulheres. Uma, é a pecadora que aparece no relato de Lucas, a outra, é Maria, irmã de Lázaro, que ungiu Jesus duas vezes. Na primeira vez, ungiu-lhe os pés. Na segunda vez, rompendo o frasco, com tudo o que ainda restava ali, perfumou sua cabeça.³

A abordagem atual diante da diversidade destes mesmos relatos é outra. A exegese, hoje, interroga-se sobre o trabalho redacional pelo qual cada um deles passou, e sobre a perspectiva própria de cada evangelista que transparece em seu texto final.

O objetivo que aqui nos propomos é o de realizar um estudo comparativo dos diferentes relatos de unção de Jesus na tradição evangélica, perguntando-nos sobre a possibilidade da existência de uma mesma tradição subjacente a estes textos. Nosso ponto de partida será o confronto de Mc 14,3-9 com Mt 26,6-13, Jo 12,1-8 e Lc 7,36-50.⁴ Em seguida, a modo de exemplo, vamos apresentar a maneira como D. Daube trabalhou esta questão e terminaremos indicando algumas pistas que, a nosso ver, devem ser levadas em consideração para a solução do problema.

1.1 Confronto entre Mc 14,3-9 e Mt 26,6-13

Lendo paralelamente estes dois relatos constatamos que:

1. O texto de Mateus é um pouco mais breve. Enquanto o relato da unção de Jesus em Betânia ocupa 8 versículos em Mateus, em Marcos, ocupa 7. Contudo, enquanto o texto de Marcos contém 124 palavras, segundo a 27ª edição de Nestle-Aland e contando inclusive artigos e partículas, o texto de Mateus, segundo o mesmo critério e

¹ THOMAE AQUINATIS, *Catena super Marci Evangeliorum*, XIV,3.

² ORIGENES, *Mat. Com. A*, 77.

³ THOMAE AQUINATIS, *Catena*, XIV,3.

⁴ Este estudo depende, como material básico, de *Synopsis Quattuor Evangeliorum*, edidit ALAND, K., Stuttgart, 1990¹³, nº 306.

na mesma edição, contém 109. Portanto, são 15 palavras a menos, o que representa, aproximadamente, 1 versículo.

2. *Ambos os textos coincidem basicamente: seja em relação à história narrada, seja em relação ao vocabulário utilizado.* Podemos encontrar em ambos os evangelhos o mesmo fio condutor que estrutura o relato: a menção de que Jesus está em Betânia, o gesto de uma mulher que derrama um alabastro de perfume sobre sua cabeça, as críticas a este gesto e a réplica de Jesus. Também, em relação ao vocabulário com o qual a história é narrada, há uma coincidência de base. Sempre segundo a 27ª edição de Nestle-Aland, das 109 palavras do texto de Mateus, 67 se encontram de maneira idêntica no texto de Marcos, às quais se pode ainda somar outras 8 em que a diferença consiste apenas na mudança, por exemplo, de um acusativo a um dativo ou de outra forma de um mesmo verbo. Temos, assim, uma coincidência de 69% a nível do vocabulário, do texto de Mateus em relação ao de Marcos.

Diante desta constatação torna-se evidente que:

- a) existe uma mesma tradição (fonte) subjacente a ambos os evangelistas (a mesma história);
- b) esta tradição consiste numa fonte escrita, o que explica a expressiva coincidência do vocabulário.

3. Além das coincidências de base, *em vários pontos os relatos são semelhantes sendo que o relato de Mateus apresenta algumas mudanças do ponto de vista gramatical em relação a Marcos.* Estas semelhanças não são mais que pequenas variações, mas que tomadas em seu conjunto demonstram um trabalho de reelaboração do texto. Estas variações, perceptíveis mais facilmente no texto grego, representam uma melhora do texto da parte de Mateus, do ponto de vista gramatical, e um refinamento do ponto de vista do estilo literário, evitando os aramaismos comuns no relato de Marcos.

Assim, pelo que vimos anteriormente, ambos os evangelistas utilizaram uma mesma fonte escrita. O que poderíamos ainda afirmar sobre esta fonte escrita? É de domínio comum que, na questão sinótica, Marcos estaria na base da composição dos evangelhos de Mateus e Lucas. Tomemos, pois, como hipótese inicial, que esta fonte escrita foi primeiramente utilizada por Marcos, depois, através de Marcos, este material tornou-se conhecido de Mateus que o reelaborou para inclui-lo em seu evangelho. Assim, as variações encontradas entre estes dois relatos seriam, de modo geral, o resultado dessa reelaboração de Mateus.

4. Em alguns pontos, os dois relatos se diferenciam e podemos notar que o relato de Marcos apresenta mais detalhes, ausentes em Mateus, que o contrário. As particularidades de Marcos, em relação a Mateus, são as seguintes:

- o perfume é de *nardo genuíno* e poderia ter sido vendido por *trezentos denários*. Marcos insiste mais que Mateus na caracterização do perfume;
- a mulher *rompe o alabastro* antes de derramar o perfume;
- os que criticam a mulher estão indignados *entre si* e *resmungam contra ela*: a reação contrária ao gesto da mulher é mais marcante; o mesmo se pode deduzir pelo imperativo "*Deixai-a*", que não aparece no texto de Mateus;
- em Mc 14,7, a frase "*e quando quiserdes podeis fazer-lhes o bem*" é própria de Marcos, sendo que, a parte esta frase, este versículo é idêntico a Mt 26,11;
- em Mc 14,8, é próprio de Marcos que a mulher fez o que pôde e que *antecipou-se* a perfumar o corpo de Jesus. A idéia de uma "antecipação" não aparece em Mateus.

Da parte de Mateus, o que lhe é próprio é que os que criticam o gesto de mulher são os *discípulos* (26,8). Além dessa particularidade, pode-se ainda notar os verbos *tendo visto*, em 26,8, referido aos discípulos, e *tendo tomado conhecimento*, em 26,10, referido a Jesus, e o demonstrativo *este* que acompanha *evangelho*, em 26,13.

Estas diferenças ajudam, sobretudo, a perceber alguns pontos sobre os quais cada evangelista insiste mais de acordo com a sua perspectiva. Mas, sem dúvida, elas colocam igualmente a questão da crítica literária, pois, se o texto de Mateus apresenta características de uma reelaboração, estas características também não estão ausentes do texto de Marcos. Se a comparação entre os textos de Mateus e de Marcos nos ajudaram a encontrar aqueles pontos em que o texto de Mateus parece depender do texto de Marcos, do qual seria uma reelaboração, temos que destacar que também o texto de Marcos apresenta características de um trabalho de reelaboração, que aparecem mais facilmente quando comparado com Mateus. Estas características aparecem nas particularidades do relato marciano. O recurso à omissão desses elementos da parte de Mateus seria uma solução simplista se aplicada a todos os casos. O mais provável é que o texto de Marcos passou ainda por uma revisão depois que foi conhecido por Mateus.

Assim, se Mateus conheceu o relato de Marcos (nossa hipótese inicial), certamente não o conheceu em seu estágio atual. O melhor seria dizer que ambos dependem de uma fonte comum. Possivelmen-

te, contudo, o atual evangelho de Marcos está mais próximo que Mateus desta fonte comum. Uma última palavra, entretanto, somente pode ser dita após a comparação de Marcos/Mateus com o outro relato paralelo da unção de Jesus em Betânia, em Jo 12,1-8.

5. Antes, porém, de passarmos para João, convém destacar que, *em ambos os evangelhos, o contexto imediato em que a perícopa está inserida, é basicamente o mesmo*: em ambos precede a informação da proximidade da festa da páscoa, e de que as autoridades pretendiam prender e matar Jesus por meio de um ardil. E, em ambos, segue o relato de Judas que vai aos chefes dos sacerdotes para entregar Jesus. Se é certo que estas perícopes apresentam uma variedade de detalhes em cada evangelista, em suas linhas gerais nos ajudam a compreender que a fonte escrita da qual se originou os relatos atuais de Mc 14,3-9 e Mt 26,6-13 era mais ampla, ou seja, o relato da unção de Jesus em Betânia estava inserido numa sequência narrativa maior, talvez abrangendo todo o relato da paixão.⁵

1.2 Confronto entre Mc 14,3-9 e Mt 26,6-13 com Jo 12,1-8

Lendo paralelamente estes relatos constatamos que:

1. *Jo 12,1-8 apresenta uma narrativa muito semelhante àquela de Marcos e Mateus*. Salientando-se os pontos comuns a estes textos, percebe-se a mesma história, embora com uma variedade de detalhes. A estrutura da história narrada é a mesma: Jesus está em uma refeição em Betânia, uma mulher o perfuma/unge e este gesto provoca reações. Jesus toma a palavra em defesa da mulher, e interpreta o gesto dela em vista de seu sepultamento.

A partir desta constatação é possível pensar numa origem comum dos três relatos atuais.

2. *A nível de vocabulário, os contatos são poucos, mas tornam-se mais numerosos quando se considera somente João e Marcos*. Na identificação de um vocabulário comum entre Marcos-Mateus-João, as coincidências maiores são:

- em Jo 12,5, aparecem os mesmos verbos *vender* e *entregar* que em Mc 14,5 e Mt 26,9, embora em formas verbais diferentes, e a referência aos *pobres*.
- em Jo 12,7 e Mc 14,8, aparece a palavra *sepultamento* empregada

⁵ Para R. PESCH, Mc 14,3-9 já estava integrado à história pré-marciana da paixão (cf. *Il Vangelo di Marco*. Brescia. Paidéia, 1982, p. 488).

de modo muito semelhante; Mateus conserva o mesmo radical na forma verbal:

Jo — para o dia do meu sepultamento;

Mc — para o sepultamento;

Mt — para me sepultar.

— Jo 12,8; Mc 14,7; Mt 26,8 — os pobres, porém, sempre (Mc/Mt sempre, porém, os pobres) tendes convosco, a mim, no entanto, não tendes sempre (lit.: não sempre tendes). Esta frase em João, contudo, não é isenta de problemas de crítica textual. Ela está ausente no códex Bezae (D) e no ms. Syrus Sinaiticus.

Excetuando-se Mateus, podemos acrescentar alguns outros contatos a nível de vocabulário entre João e Marcos:

— em ambos o perfume é de nardo genuíno;

— Jo 12,5 está muito próximo de Mc 14,5:

Jo	Mc
Por que este perfume não foi vendido por trezentos denários e dado aos pobres?	Para que... poderia, pois, este perfume ter sido vendido por denários trezentos e ter sido dado aos pobres

— em ambos os discursos, Jesus começa com um imperativo aoristo do verbo *deixar* seguido pelo pronome de 3ª pessoa feminino singular. Em Marcos, o imperativo está no plural, dirigido àqueles que molestam a mulher. Em João, está no singular, dirigido a Judas, o que provavelmente é uma reelaboração de João, já que na sequência reaparece a forma plural com *tendes*;

A partir dessas constatações, é possível postular que uma mesma tradição escrita se encontra presente nos relatos atuais de João e Marcos, tradição esta relembra de maneira independente por cada um destes evangelistas. Aliás, duas das "particularidades" de Marcos em relação a Mateus, que elencáramos acima, na verdade, provêm de sua fonte comum com João: a característica do perfume — sua qualidade e preço — e o imperativo no início do discurso de Jesus.

Teríamos, assim, que Marcos combina duas narrativas, mas que se originaram sempre de uma mesma tradição (a mesma história). Uma, em comum com Mateus, talvez já inserida num relato mais amplo da paixão de Jesus, ou talvez, aí inserida numa redação preliminar de Marcos. A outra, em comum com João, ao que parece

numa narrativa mais breve.⁶ A ausência, em Mateus, de vários elementos comuns a Marcos e João, possivelmente, se explica pelo fato de que a narrativa de Mateus teria sido formada de Marcos antes que este tivesse combinado suas duas fontes.

3. *Uma boa parte dos detalhes do relato joanino é típica do autor do 4º evangelho*, como uma ambientação mais pormenorizada ao iniciar um novo relato e a caracterização de uma personagem que entra em cena. Em nosso caso estes elementos típicos do estilo joanino aparecem nos vv. 1-2, que dizem respeito não somente a Jesus, mas também a Lázaro e à ceia, em geral. Este elenco de informações contrasta com a escassez de notícias em Marcos a respeito de Simão, o anfitrião de Jesus. O mesmo se pode aplicar ao v. 4, quando Judas entra em cena e, ainda ao v. 6, uma "intromissão do narrador" no desenrolar da história. Colocando-se à parte estes desenvolvimentos próprios a João, o relato da unção de Jesus em Betânia, no 4º evangelho torna-se mais simples que aquele de Marcos/Mateus. A questão do "desperdício" do perfume não é explicitada e a objeção colocada por Judas vai direto à questão da venda do perfume para ajudar os pobres. A resposta de Jesus, no final da perícopes, é igualmente mais breve e direta.

João, contudo, alonga-se um pouco mais que Marcos e Mateus ao narrar a unção propriamente dita e aqui aparece também uma diferença sensível entre estes evangelistas: em João, Jesus é ungido nos pés, em Marcos/Mateus, na cabeça. Esta diferença seria talvez uma marca que distingue as duas tradições escritas que se originaram de um mesmo episódio? Uma compreensão melhor a respeito desse ponto específico somente pode ser possível depois que incluirmos em nosso estudo também um paralelo lucano de uma unção de Jesus.

4. Mas, antes de passarmos a Lucas, queremos destacar também aqui que *o contexto imediato em que a perícopes está inserida, não sendo o mesmo em Marcos/Mateus e em João, é semelhante*. Em todos os três evangelistas aparecem motivos que orientam para a paixão de Jesus: a informação da proximidade da páscoa, a menção de Judas como traidor, a decisão das autoridades de matar Jesus. Isso nos leva a pensar que a tradição em torno à unção em Betânia aparece ligada aos fatos que precederam imediatamente à morte de Jesus, em torno de seus últimos dias em Jerusalém. Mas, a diferença básica de contexto é esta: em Marcos/Mateus a unção de Jesus, em Betânia, se dá

⁶ Para W. MUNRO, esta narrativa é uma versão pré-marciana, semelhante ao atual relato de Marcos, mas não idêntica, e que João teria conhecido (cf. *The Anointing in Mark 14,3-9 and John 12,1-8. SBL I 1979 Seminar Papers* 130).

depois da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, em João, é justamente a perícope que a precede.

1.3 Confronto entre Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Jo 12,1-8 com Lc 7,36-50

Lendo paralelamente estes relatos constatamos que:

1. *Os elementos comuns de Lucas com os outros evangelistas são poucos:* no contexto de uma refeição, Jesus é ungido por uma mulher, este gesto provoca uma reação (interior, em Lucas) e Jesus toma a defesa da mulher. A história narrada por Lucas, contudo, é diferente, apesar da estrutura narrativa semelhante.

2. *O relato de Lucas é bem mais longo, e traz as marcas de uma composição à mosaico.* No relato, aparecem cenas de uma refeição de Jesus em casa de um fariseu, a acolhida de uma pecadora pública, uma parábola, um elenco de boas normas de hospitalidade. O final da perícope traz elementos que parecem tomados das perícopes do paralítico transportado até Jesus pelo teto de uma casa e da cura da mulher hemorroíssa.

3. *Nesse mosaico, alguma coisa parece ter vindo também da unção de Jesus em Betânia:* a pecadora unge Jesus, no decorrer de uma refeição com um perfume trazido num alabastro. Como João, ela unge os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos (mas, em Lucas, primeiro, ela enxuga e, depois, unge). Como em Marcos/Mateus, o dono da casa chama-se Simão. Sobretudo, o empréstimo maior de Lucas parece ter sido a estrutura da perícope, que lhe dá o quadro para a apresentação de seu material de origem variada. É ainda interessante notar que, no cap. 22, quando inicia seu relato da paixão, Lucas passa diretamente dos propósitos das autoridades de prender Jesus para a cena de Judas junto aos chefes dos sacerdotes, sem inserir aqui uma unção, como o fazem Marcos/Mateus, o que seria, no evangelho de Lucas, a duplicação de um relato.

4. *Mesmo no material que parece ter uma origem comum, há algumas diferenças marcantes,* como o fato de que, em Lucas, a mulher que unge Jesus seja uma pecadora, e de que seu gesto seja interpretado como uma contrição em vista do perdão de seus pecados, sem nenhuma referência, como nos outros evangelistas, a uma unção para o sepultamento. Em Lucas, a unção dos pés está em harmonia com o conjunto de sua narrativa: ela é precedida pelas lágrimas do arrependimento e, nos marcos de boas normas de

acolhida, a unção da cabeça de Jesus, convidado a uma refeição, não poderia ser de iniciativa da mulher, mas do fariseu que o convidara. Assim, no que concerne ao material lucano em comum com os outros três relatos da unção de Jesus, é difícil saber se são somente empréstimos que Lucas teria tomado para apresentar uma outra tradição que lhe é própria ou se seu relato conservou algo do que poderia ter feito parte de uma antiga tradição em torno de uma unção de Jesus.

Contudo, se é certo afirmar, a partir dos relatos de Marcos, Mateus e João, que a tradição em torno da unção de Jesus em Betânia provenha de ambiente palestino, esteja influenciada pela proximidade da festa da páscoa e esteja ligada à recordação de outros fatos que antecederam à morte de Jesus, então o mais provável é que Lucas tenha somente tomado de empréstimo alguns elementos desta tradição, que também ele conheceu.

2 Algumas pistas sobre a história de nossa perícopes

O percurso que acabamos de empreender nos levou a encontrar nos atuais relatos de unção de Jesus marcas da história de sua evolução redacional. Na verdade, é bem mais fácil descobrir estas marcas que, a partir delas, tentar reconstruir as etapas da pré-história do texto até os relatos atuais, o que sempre será feito a partir de hipóteses.

Na tentativa de empreender esta reconstrução, D. Daube inicia com uma comparação entre os relatos atuais de Marcos e João, na qual destaca, como diferença principal, o motivo da antecipação, presente em Marcos, ausente em João. Em Marcos a unção é para o sepultamento (14,8). João refere-se apenas ao dia do sepultamento (12,7), que para ele permanece como algo para o futuro. Posteriormente, João vai narrar a unção do corpo de Jesus antes do sepultamento, o que não aparece no relato marciano. Ora, a tradição mais antiga que esteve em circulação seria aquela de que Jesus foi sepultado sem uma unção, como um criminoso comum, ao cair da tarde. Esta tradição seria insuportável para os cristãos e, aos olhos dos judeus, uma desonra a mais no "escândalo da cruz". A este problema Marcos responde com uma unção antecipada e João com uma unção feita por José de Arimatéia e Nicodemos, antes do sepultamento.

Alguns outros detalhes diferentes nos relatos de Marcos e João revelam, igualmente, a diferença de ótica de cada um: a unção da

cabeça e de todo o corpo, feita diretamente do frasco de ungüento, como encontramos em Marcos, corresponde melhor aos métodos de uma unção fúnebre, que a unção dos pés como encontramos em João. O discurso de Jesus em Marcos (14,6-8) é composto de três partes num "crescendum". Primeiramente, ele diz que ela fez uma boa obra, mas sem especificar qual; depois, que esta boa obra é superior à esmola, e finalmente, que a boa obra consiste numa unção para o sepultamento. Em João, o gesto da mulher não é chamado de boa obra e nem consiste num embalsamento. Em Marcos, a unção de Betânia está o mais próximo possível do sepultamento. Em João, vem antes. Ao relatar a unção antes do sepultamento, João indica que ela foi realizada "conforme o costume dos judeus de sepultar". O rito foi realizado plenamente, com uma testemunha qualificada: Nicodemos, um fariseu respeitado. João, portanto, não tem necessidade de uma unção da cabeça e do corpo de Jesus.

Quanto a Mateus, seu relato é próximo ao de Marcos, mas ele é mais firme que Marcos ao apresentar a unção de Betânia como a unção de Jesus. Mateus não mais insiste na idéia de uma antecipação, elimina a frase que diz que a mulher fez o que pôde e já não voltará mais sobre o assunto quando relatar a ida das mulheres ao túmulo.

Quanto a Lucas, tampouco ele conhece a unção feita por José de Arimatéia e Nicodemos, e as mulheres que querem ungir o corpo de Jesus chegam tarde demais ao sepulcro. Em seu relato da unção por uma pecadora não há nenhuma referência à morte de Jesus. O episódio não está localizado em Betânia, nem no ciclo da paixão. A mulher não derrama um perfume sobre a cabeça de Jesus, mas lava seus pés com suas lágrimas, enxuga com seus cabelos e unge-os. Para Daube, contudo, esta versão de Lucas é a mais próxima da tradição original.

Assim, num 1º estágio, temos a história de uma mulher penitente que lava os pés de Jesus com suas lágrimas, enxuga com seus cabelos e os unge com perfume. Como espalha-se a versão de que o corpo de Jesus não foi ungido antes do sepultamento, o que era uma desonra, surge uma primeira tentativa de mitigação do fato pela intenção das mulheres de ungir o corpo de Jesus, o que não puderam fazer antes devido às prescrições do *Sabbath*, nem depois porque Jesus ressuscitara. Num 2º estágio, há uma releitura da unção feita por uma pecadora em vista de suprir a falta da unção antes do sepultamento, e surge a tradição em torno de Betânia. O testemunho mais próximo a este 2º estágio é o relato de João. Na fonte utilizada por João, possivelmente já ha-

veria alguma alusão ou prefiguração a uma unção em vista do sepultamento. Ele, contudo, ainda conserva a unção dos pés e o enxugar com os cabelos. O 3º estágio é dado pelo relato de Marcos que o transforma para apresentar uma unção antecipada do corpo de Jesus para a sepultura. O 4º estágio apareceria em Mateus, que tomando o texto de Marcos, elimina a idéia de uma simples antecipação, para transformá-lo na única unção de Jesus⁷.

Depois de termos feito nosso próprio percurso sinóptico e termos apresentado a proposta de Daube de reconstituição da pré-história de nossos relatos atuais, vamos tentar, de nossa parte, não uma reconstituição propriamente dita, mas elencar alguns elementos que, a nosso ver, poderiam pautar uma hipótese de reconstrução da evolução da tradição em torno da unção de Betânia.

1º) O relato de Marcos depende, principalmente, de uma fonte escrita proveniente de um ambiente semítico. Seu relato reflete ainda a combinação de uma outra fonte que ele tem em comum com João. Alguns traços redacionais típicos do evangelista aparecem ainda em seu relato final, como, por exemplo, no v. 9, no qual aborda o tema do anúncio do evangelho, um motivo caro a Marcos.

2º) O relato de Mateus segue de perto o relato de Marcos, mas sem as "adições" que este teria feito a partir de sua fonte comum com João.

3º) O relato de João segue uma tradição mais simples, mas na qual, certamente, já aparece uma interpretação da unção, em vista do sepultamento. Em comum com Lucas, ele apresenta uma unção dos pés de Jesus, ainda que, em João, seja um dado estranho que a mulher os enxugue com seus cabelos depois de ungi-los. O relato joanino da unção de Betânia foi ainda reelaborado a partir da narrativa da ressurreição de Lázaro, apresentando também certos contatos com a perícopes da última ceia (Jo 12,3 e 13,5; 12,6 e 13,29).

4º) O relato de Lc 7,36-50, apresenta um material próprio de Lucas combinado com elementos tomados, aqui e acolá, de outras tradições conhecidas pelos outros evangelistas, entre os quais a da unção de Betânia. Mas se Lucas conserva traços de uma tradição mais antiga de uma unção de Jesus é difícil provar.

⁷ DAUBE, D., "The Anointing at Bethany", in *The New Testament and Rabbinic Judaism*. London, 1956, pp. 312-324.

Possivelmente os quatro relatos atuais, remontam a um mesmo episódio, mas cada qual por seus caminhos. Em Marcos, Mateus e João, este episódio está ligado a Betânia e às vésperas da paixão de Jesus. É comum a estes evangelistas que a unção siga imediatamente a decisão das autoridades de prender e matar Jesus. Todos os três evangelistas notam ainda que a festa da páscoa estava próxima. Quanto aos evangelhos de Mateus e Marcos, seja a partir da redação de Marcos, seja na fonte que ele tem em comum com Mateus, a perícopes da unção em Betânia passa a fazer parte de um relato mais amplo da paixão de Jesus.

Cláudio V. Malzoni OP, depois de ter obtido a licenciatura em exegese bíblica, no Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, atualmente, é doutorando da École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém.

Endereço: École Biblique et Archéologique Française — POB 19053
91190 Jerusalém — Israel
e-mail: ebaf@netvision.net.il